

POVO TUXÁ EM CENA: CIÊNCIA DA CURA E RESISTÊNCIA

MAÍRA DE MELLO SILVA¹; LEONARDO CHRISTIAN DA SILVA MAIA²; ELIZA DE MELLO SILVA³; ANDRESSA SANTOS DOMINGUES⁴; LORI ALTMANN⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – mairah-mello@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leotuxa@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – eliza-mellosilva@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – andressadrm@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – lori.altmann@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

Enfatizar dimensões da participação da Pajé Analice Moises da Silva Maia e Leonardo Christian da Silva Maia, mãe e filho, indígenas do povo Tuxá, do Setor Bragagá, de Minas Gerais, na *III Mostra de Filmes Etnográficos: olhar, escutar e sentir a sabedoria ameríndia* é o esforço que propomos neste trabalho. Assim, analisar como os campos da Antropologia Visual e da Etnologia Ameríndia podem auxiliar a prática extensionista é a problematização geral, sendo o objetivo específico repercutir as reflexões trazidas ao público por Analice e Leonardo.

O Projeto de Extensão *Mostra de Filmes Etnográficos* é coordenado pela Professora Doutora Lori Altmann que participa do Núcleo de Etnologia Ameríndia (NETA), do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e a organização das exposições é realizada por estudantes do curso de Bacharelado em Antropologia da UFPEL e do curso de Licenciatura em História da UFPEL. O Projeto consta de exposição, na sala de cinema da UFPEL, de filmes feitos ou protagonizados por comunidades indígenas brasileiras e, posteriormente, comentários de indígenas convidadas e convidados.

Para fins didáticos e de forma a facilitar a interdisciplinaridade, explicamos o arcabouço teórico que subsidia o Projeto, a partir de três eixos, sejam eles a pesquisa antropológica do audiovisual indígena, a construção de espaços de transmissão de saberes tradicionais, para que sejam publicizados de forma mais autônoma, ampla e dinâmica possível, e a análise descolonial dos resultados.

Uma análise possível do conteúdo cinematográfico pode ser feita a partir da identificação de códigos cinematográficos não específicos (como desenho, pintura, teatro, literatura), códigos cinematográficos específicos (como movimentos de câmera, montagem, estrutura narrativa, sistema de gêneros) e códigos extracinematográficos (como gestualidade, vestuário, linguística, arquitetura, paisagem e comportamento) (METZ, 1980 apud CORRÊA, 2015).

A experiência prática de tradução da imagem em texto, como verificada em DAHER (2007), pode ponderar aspectos de: simbologia ritual, alteridade, identidade, política, política através da cultura, cultura, cultura e natureza e história e economia, em concomitância com o que esteve em prática na exposição da *Mostra*.

Já o movimento de registrar, por meio audiovisual, as vivências de indígenas, como pondera NOVAES (2008; 2012), permite que identificação, pensamentos e emoções venham à tona, isto é dizer que envolver a cognição do público é partícipe ativo nesse processo. Sendo assim, experiências pedagógicas, como a de RUSSO (2007), podem ser viabilizadas com maior eficácia, inclusive no âmbito acadêmico e da Antropologia, como propomos na *Mostra*.

Nesse sentido, nos somamos às consistentes questões que Felipe Sotto Maior Cruz (2017), também indígena Tuxá, faz ao espaço acadêmico e ao fazer antropológico que carece de profunda e permanente reflexão. Assim, o fazer

audiovisual indígena, como demonstrado em CORRÊA & BANDUCCI (2017), vai de encontro ao imaginário nacional hegemônico - do qual o espaço acadêmico não está isolado - e à mídia de massa, ao se colocar a serviço das reivindicações e realidades das comunidades ameríndias.

2. METODOLOGIA

O procedimento para a realização da *Mostra* é feito da seguinte forma: pesquisa antropológica sobre o audiovisual indígena; diálogos com indígenas para que sugiram os filmes a serem exibidos; escolha dos e das convidadas privilegiando especialmente sua estadia na cidade de Pelotas; ampla divulgação por meio eletrônico, redes sociais e cartazes, já que o público almejado é a comunidade pelotense em geral; exibição do filme indicado; explanação das e dos indígenas sobre o filme exibido e sobre suas realidades atuais; abertura de espaço para questionamentos e contribuições do público; filmagem e documentação fotográfica e dos comentários; divulgação das fotografias autorizadas na página do Facebook da *Mostra*; reuniões do grupo de organização para reflexão sobre a exibição; e pesquisa sobre Etnologia Ameríndia e recursos audiovisuais, para aprimoramento das próximas sessões; elaboração de textos para a circulação em eventos dos resultados e reflexões obtidos.

No dia 05 de julho de 2018, Analice Maia esteve em Pelotas, com a finalidade de ministrar palestra a convite da Liga Acadêmica de Saúde de Populações em Situação de Vulnerabilidade Social, da Faculdade de Medicina da UFPel, sobre o uso de plantas medicinais tradicionais do povo Tuxá. Analice aceitou também o convite para participar da *Mostra*. Nesse dia, realizamos a exibição do documentário *Damrôze Akwe – Amor e Resistência* (2017) e do curta *Medicina Tuxá* (2018). Tais dados são elementares à metodologia que adotamos no Projeto, já que a escolha dos filmes foi feita por Leonardo que, durante seus comentários após a exibição, explicou que *Medicina Tuxá* (2018) foi feito com o intuito de contribuir aos debates da Liga Acadêmica proferida. Ainda, Leonardo contou que conheceu Juvana Sawidi, indígena Xacriabá (que protagoniza *Damrôze Akwe*), no Grito dos Excluídos, em Montes Claros/MG. Juvana havia sofrido agressão policial, nesse dia. Posteriormente, Juvana indicou a Leonardo o processo seletivo para o curso de Medicina da UFPel. E, em Brasília, em ato contra os cortes de Bolsa Permanência de indígenas e quilombolas (GAZETA DO POVO, 2018), Juvana entregou a Leonardo cópia do documentário *Damrôze Akwe* que fala de seu casamento, como ritual de retomada cultural de seu povo. Assim, a metodologia adotada não consiste em mero interesse antropológico, mas de diálogos, relações e afetividades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As três sessões da *Mostra* que aconteceram no primeiro semestre de 2018, quinzenalmente, contaram com a participação de 07 convidadas e convidados indígenas e um público de 75 pessoas. A segunda sessão, da qual participaram Analice e Leonardo Maia, ocorreu no dia 05 de julho e obteve um público 16 pessoas.

Ainda partilhando os pressupostos de CRUZ (2017), não trataremos aqui de objetos de estudo, mas de trajetórias pessoais e de compartilhar alguns dos muitos ensinamentos transmitidos pela Pajé Analice e por Leonardo. Portanto, dispensamos o uso de aspas, entendendo que os resultados aqui apresentados

são nossas inferências sobre os comentários gravados e o uso de aspas camuflaria, aqui, o ato de estarmos escrevendo sobre.

Analice proferiu: “Há 500 anos nós sofre”. Sua existência remete ao alagamento, pela construção de uma hidrelétrica, e consequente retirada do território tradicional dos Tuxá, na Bahia, assim como à escravização e domesticação de seu pai. Também ao enlace interétnico de seus pais, no Rio de Janeiro. A retomada da Terra foi orientada pelos encantados e pela força, o Bioma Cerrado é, há quatro anos, ocupado pelos Tuxá (CENTRO DE AGRICULTURA ALTERNATIVA DO NORTE DE MINAS, 2015) que, após resistirem a uma série de violências, pela posse da terra, aguardam a regularização de sua Terra Indígena.

Remontando a imemoráveis tempos, Analice, única Pajé mulher de Minas Gerais, explica que, em guerras, as mulheres Tuxá sempre estiveram à frente, completa o raciocínio expondo o machismo que, nos tempos atuais, ela e a irmã, Anália, atual Cacique (ONU Brasil, 2018), sofrem, compreendendo a opressão sob um espectro que se estende a mulheres não-indígenas. Analice explica que ser Pajé requer nascer com a ciência, cultura e sabedoria do seu povo e, ao falar da luta dessas duas mulheres indígenas em Minas Gerais, explica sua trajetória como Técnica em Enfermagem, curandeira, raizeira e benzedeira. A confiança do seu povo se dá pelo conhecimento que ela detém da ciência da cura e da ciência da medicina.

Esse elemento remete Analice às relações positivas estabelecidas com a SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) e a Funai (Fundação Nacional do Índio), mas também aos atentados que a bancada ruralista do Congresso Nacional e o Projeto de Emenda Constitucional (PEC) 215 representam ao seu povo e parentes. Essa fala leva, também, Analice a denunciar o corte da Bolsa Permanência e a Leonardo explicar como se deu sua vivência de quatro anos na Faculdade de Agronomia da Universidade Federal de Minas Gerais, seu encontro com Juvana, embora seu sonho sempre tenha sido o de cursar medicina, ponderando que seus aprendizados foram desde cedo ensinados pela mãe.

Analice ainda compartilhou um pouco mais sobre a diferença de utilização da ciência da cura entre parentes indígenas e pessoas não-indígenas. Leonardo relatou que, quando ministra cursos de plantas medicinais, tem cuidado com os interesses da indústria farmacêutica e que os conhecimentos Tuxá repassados são sempre autorizados pela mãe.

Analice descreveu densamente como realiza partos, enquanto Leonardo vem trabalhando com parto humanizado no Hospital Escola da UFPel, dentre outros movimentos políticos que realiza dentro da Faculdade de Medicina.

4. CONCLUSÕES

A inovação obtida neste trabalho tange o desafio de descrever a abertura de mais um espaço na UFPel para o protagonismo de povos indígenas. Também, para nosso grupo, o desafio de utilizar palavras e referenciais teóricos, quando da tentativa de narrar uma experiência com dimensões tão amplas.

Repercutir a sabedoria tão complexa e singular de Analice é desafio ainda para nosso grupo e, possivelmente, para qualquer pesquisadora ou pesquisador.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, M.A. **Audiovisual autoral dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul: mapeamento e análise**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) -

Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

CORRÊA, M.A.; BANDUCCI JÚNIOR, A. Convergência midiática e apropriação das novas tecnologias pelos povos indígenas de Mato Grosso do Sul: Perspectivas para o surgimento de um “cinema de índio”? **Revista GEMInIS**, São Carlos, v.7, n.2, p. 189-214, 2016.

CRUZ, F.S.M. Indígenas Antropólogos e o Espetáculo da Alteridade. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Brasília, v.11, n.2, p. 93-108, 2017.

DAHER, J.Z. **Cinema de índio**: uma realização dos povos da floresta. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná.

DAMRÔZE Akwe – amor e resistência. Direção de Guilherme Cavalli. Produção de Janaina Gerdemann. Roteiro: Guilherme Cavalli. 2017. (21 min.), son., color. Legendado.

Governo Temer corta bolsa para alunos indígenas e quilombolas. Gazeta do Povo, Curitiba, 08 jun. 2018. Acessado em 26 ago. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/governo-temer-corta-bolsa-para-alunos-indigenas-e-quilombolas-ejnjywli9ewg1ablInpwnr40/>

Indígenas Tuxá ocupam território em Buritizeiro - MG. Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, Montes Claros, 23 nov. 2015. Acessado em 26 ago. 2018. Online. Disponível em: <https://www.caa.org.br/biblioteca/noticia/indigenas-tuxa-setsor-bragaga-ocupam-territorio-em-buritizeiro-mg>

Lideranças femininas e saberes tradicionais dão força à preservação do Cerrado. ONU Brasil, Rio de Janeiro, 28 mar. 2018. Acessado em 25 ago. 2018. Online. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/liderancas-femininas-e-saberes-tradicionais-dao-forca-a-preservacao-do-cerrado/>

MEDICINA Tuxá. Direção de Juvana Sawidi e Edgar Corrêa Kanaykô. Set Sor Bragagá, 2018. (2 min.), son., color.

NOVAES, S.C. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. **Mana**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p. 455-475, 2008.

NOVAES, S.C. A Construção de Imagens na Pesquisa de Campo em Antropologia. **Revista IluMinuras**, Porto Alegre, v.13, n.31, p. 11-29, 2012.

RUSSO, K. Vídeos educativos e o diálogo entre culturas: professores indígenas e a apropriação da linguagem audiovisual. **TEIAS**, Rio de Janeiro, v.8, n.14-15, p. 1-13, 2007.